

EMIKO  
JEAN

いただきます



おやすみ

SEGUNDA



かわゆみ

uma princesa  
em  
Tóquio

**EMIKO JEAN**

uma princesa  
em  
**Tóquio**

Tradução  
RAQUEL NAKASONE

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

# Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

A família imperial

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37

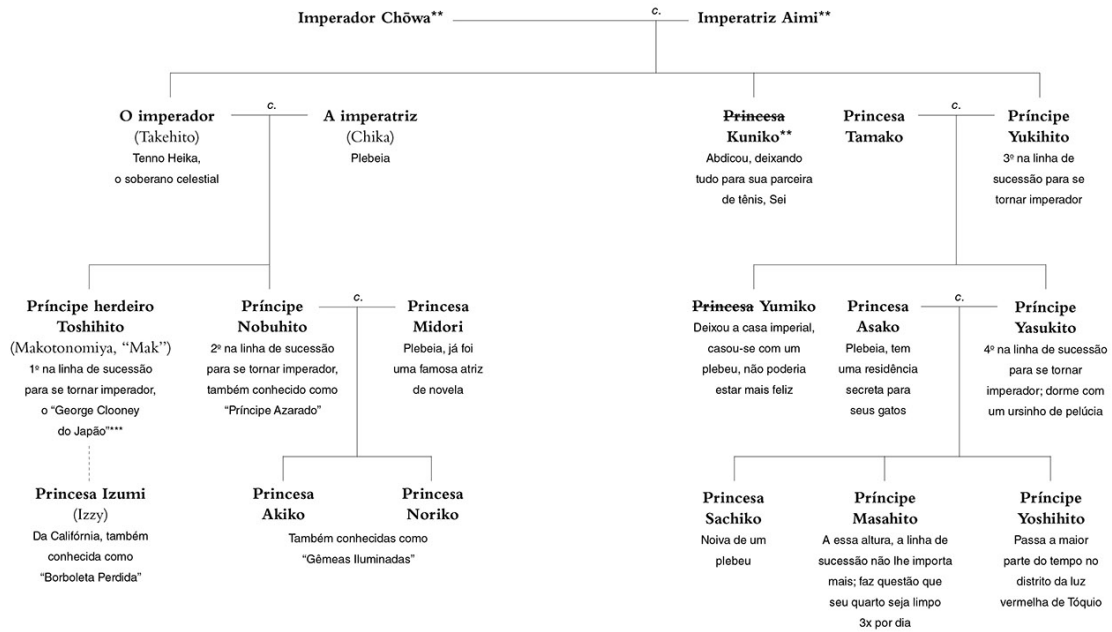
*Agradecimentos*

*Sobre a autora*

*Créditos*

*Para todas as garotas que agem com o coração*

# A família imperial\*



\* genealogia comentada e não oficial  
 \*\* já faleceu  
 \*\*\* antes de se casar com Amai e ter gêmeos

# FOFOCAS DE TÓQUIO

## A Borboleta Perdida tem suas asas cortadas

---

**4 de abril de 2021**

Uma elegância atemporal permeava o casamento do primeiro-ministro Adachi com a herdeira de uma empresa de remessas Haya Tajima no luxuoso New Otani Hotel. Apesar de ser seu segundo casamento (sua primeira esposa faleceu muitos anos atrás), não se pouparam gastos. Os homens vestiam fraques. As mulheres, seda. Taças transbordavam com champanhe Dom Pérignon. Cisnes negros e brancos, importados da Austrália, nadavam nos lagos do jardim. Os convidados constituíram um verdadeiro banquete da aristocracia japonesa, incluindo a família imperial. Até Sua Alteza Imperial o Príncipe Herdeiro Toshihito estava presente, apesar dos constantes desentendimentos com o primeiro-ministro.

Aliás, o foco não estava na rivalidade entre eles; tampouco na noiva ou no noivo, diga-se de passagem. Todos os olhos estavam voltados para a recém-descoberta princesa, Sua Alteza Imperial a Princesa Izumi, também conhecida como “Borboleta Perdida”. O casamento marcou sua estreia formal na sociedade japonesa. Ela vai voar — ou cair?

S.A.I. a Princesa Izumi certamente estava trajada à altura da ocasião com seu vestido de seda verde e pérolas de Mikimoto, provenientes dos cofres imperiais e presente da imperatriz. A imprensa não teve autorização para participar da cerimônia, mas, segundo relatos, o evento foi impecável.

Então por que a Borboleta Perdida foi vista embarcando em um trem para Kyoto nesta manhã? A Agência da Casa Imperial insiste que se trata de uma viagem previamente planejada para o interior. Mas todos sabem que a realeza costuma recorrer à vila imperial de Kyoto quando necessita de rendição. No ano passado, Sua Alteza Imperial o Príncipe Yoshihito passou uma temporada inteira na vila após uma viagem não autorizada para a Suécia.

Parece que as asas da borboleta foram cortadas. O que será que S.A.I. a Princesa Izumi pode ter feito para ser expulsa das propriedades imperiais de Tóquio? Não se sabe. Mas alguém com certeza está *encrencada...*

# 1

É dever sagrado de uma melhor amiga nos convencer a fazer coisas que não deveríamos.

— Você nunca vai terminar. Você tentou. Tentou mesmo — Noora, a melhor amiga supracitada, diz. — Deu o seu melhor.

Meu *melhor* foi escrever em cinco minutos uma redação sobre o crescimento pessoal retratado em *As aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain. Era para a Noora estar me ajudando. Eu a chamei para me dar apoio moral.

— É melhor a gente desencanar de vez e seguir em frente. — Ela se joga na minha cama, com os braços tapando os olhos, como se estivesse literalmente desmaiando. Tão dramática.

A sugestão é tentadora. Tive quatro semanas para fazer o trabalho. Hoje é segunda. O prazo é terça. Não sou tão boa em matemática assim para calcular a probabilidade estimada de terminar a tempo, mas aposto que é baixa. Olá, consequência das minhas próprias ações. Você por aqui de novo, velha amiga.

Noora ergue a cabeça do meu travesseiro.

— Meu Deus, seu cachorro fede.

Abraço Tamagotchi.

— Não é culpa dele.

Meu terrier vira-lata tem uma condição glandular rara sem cura nem tratamento. Ele também tem uma carinha-tão-feia-mas-tão-fofa e uma obsessão nojenta pelas próprias patas. Está sempre chupando os dedos.

Tenho certeza de que fui colocada neste planeta para amar esse canino.

— Não posso desencanar do trabalho. Preciso dele pra passar nessa matéria — digo, surpreendendo a mim mesma.

Raramente sou a voz da razão. Confesso: não existe voz da razão nessa amizade. Nossas conversas normalmente seguem a seguinte dinâmica:

Noora: \*ideia ruim\*

Eu: \*hesito\*

Noora: \*cara de decepção\*

Eu: \*ideia pior ainda\*

Noora: \*cara animada\*

Basicamente, ela me provoca e eu dobro a aposta. Ela é o Timberlake da minha Biel, o Edward da minha Bella, o Pauly D do meu *Jersey Shore*. Minha irmã de outra vida. Minha parceira de crime. Tem sido assim desde o segundo ano, quando ficamos amigas por conta da cor da nossa pele — um tom mais escuro do que o das crianças brancas de Mount Shasta, na Califórnia — e da nossa inabilidade em seguir instruções simples. “Desenhar uma flor?” *Pff*. Por que não um oceano inteiro com estrelas-do-mar criminosas e um golfinho detetive que faz o tipo eu-não-sigo-as-regras?

Juntas, somos metade da Gangue das Garotas Asiáticas — GGA. No entanto, estamos mais pra *Supergatas* do que para crime

organizado. Hansani e Glory são a outra metade. A anuidade do nosso grupo é restritiva e paga com certo crédito em ancestralidade asiática. Significado: somos pan-asiáticas. Em uma cidade caracterizada por *tie-dyes* e bandeiras confederadas, não podemos nos dar ao luxo de discriminar.

Noora me encara.

— É hora de desistir. Se adaptar. Superar. Ficar em paz com o seu fracasso. Vamos ao Emporium. Será que aquele gato ainda trabalha no balcão? Lembra quando a Glory ficou toda nervosa e pediu “picalé” de chocolate? Vamos, Zoom Zoom — ela insiste.

— Queria que você nunca tivesse ouvido minha mãe me chamando assim.

Eu me mexo e Tamagotchi escapa dos meus braços. Não é nenhum segredo: eu o amo mais do que ele me ama. Ele dá uma voltinha e deita, enfiando o focinho no bumbum. Tão. Fofo.

Noora dá de ombros.

— Mas eu ouvi, e achei ótimo. Agora não consigo *não* usar.

— Prefiro Izzy.

— Você prefere Izumi.

Correto. Só que, lá pelo terceiro ano, já tinha ouvido essas três sílabas serem tão massacradas que quis simplificar meu nome. É mais fácil assim.

— Se pessoas brancas conseguem aprender Klingon, também podem aprender a pronunciar o seu nome.

Contra fatos não há argumentos.

— Verdade — admito.

Minha melhor amiga tamborila na própria barriga, um sinal claro de tédio. Senta com um sorriso felino — misterioso, orgulhoso. Mais

um motivo para eu gostar mais de cachorros. Nunca confie em um gato, eles vão comer a sua cara se você morrer. (Não tenho provas disso. Apenas um forte pressentimento.)

— Esquece o Emporium, então. Estou me sentindo feia e sem graça.

Agora estou rindo. Já tivemos essa conversa antes. Fico feliz por saber o que fazer.

— Talvez a gente devesse só se arrumar e tentar de novo — sugiro, muito prestativa.

Tamagotchi ergue as orelhas.

Noora assente sabiamente.

— Grandes mentes pensam igual.

Ela me lança outro sorriso e sai correndo em direção ao banheiro da minha mãe, também conhecido como a Beverly Hills dos cosméticos. É difícil pensar nos itens naquela bancada lascada de vinil e *não* salivar — estojos brilhantes de paletas de sombras Chanel, máscaras de dormir com caviar La Prairie, delineadores Yves Saint Laurent Couture. Ah, e produtos coreanos para a pele, alguém quer? Sim, por favor. Cada pequena indulgência decadente contém uma promessa de um futuro melhor. Tipo, as coisas estão muito ruins agora, mas tenho certeza absoluta de que esse *bronzer* Golden Goddess vai resolver tudo.

A ironia é que essa coisa de maquiagem cara é o total oposto da praticidade comedida da minha mãe. Ela dirige um Prius, faz um nível muito acima da média de reciclagem (às vezes acho que me teve só para conseguir ajuda para remexer a pilha de compostagem) e reutiliza meias-calças. Tem pedacinhos de sabonete sobrando aí? Jogue em uma meia velha e esprema até

extrair o último resquício de espuma deles. Quando aponto essa hipocrisia, ela assume um ar indiferente. “Não importa”, ela diz. “É tudo parte da minha mística feminina.” Eu não discordo. Nós, mulheres, somos múltiplas. A verdade é que os brilhos labiais e iluminadores são o prazer secreto da minha mãe. E o meu e de Noora é simplesmente pintar a cara enquanto ela está dando aula na faculdade comunitária do bairro.

Encontro Noora passando um *gloss* da Dior e espiando pela persiana.

— Jones está no seu quintal de novo.

Atravesso o tapete e me junto a Noora na janela. Sim, é ele. Nosso vizinho está com um chapéu molenga cor-de-rosa, camiseta branca, Crocs amarelas e um sarongue tão colorido que chega a ser ofensivo — quero dizer, quem inventou uma coisa tão profana?

Ele está levando dois frascos de um líquido escuro para a varanda dos fundos. Deve ser kombucha. O barbudo tem uma queda pela minha mãe, fabrica seu próprio chá, cria abelhas e sua camiseta favorita diz: O amor não vê cor. O que é mentira, óbvio. O amor definitivamente vê cor. Exemplo: quando tomei coragem para dizer que gostava de um garoto do sétimo ano, ele respondeu: “Desculpa, mas não acho meninas asiáticas bonitas”. Desde então, minha vida amorosa tem seguido o mesmo caminho amaldiçoado. Meu último relacionamento foi um desastre. Ele se chamava Forest e me traiu durante o baile da escola. Nós concordamos em terminar. Esfrego a lateral da barriga, onde de repente sinto uma dor aguda — provavelmente gases, nada a ver com a lembrança.

— É meio esquisito que ele traga coisas pra sua mãe o tempo todo. É tipo quando gatos selvagens deixam ratos mortos na sua

porta. — Noora retoca o *gloss* e pressiona os lábios.

O vermelho intenso combina com a personalidade dela. Sutileza não faz parte do seu vocabulário.

Cruzo os braços.

— Duas semanas atrás, ele trouxe um livro cheio de flores secas.

Minha mãe pode ser professora de biologia, mas botânica é a sua paixão. O que falta em estilo, Jones compensa no flerte. Isso eu devo admitir.

Noora sai da janela e joga o *gloss* na colcha de brechó na cama. Minha mãe é fã de coisas velhas.

— Esse é o livro que ele fez pra ela? *Orquídeas raras da América do Norte?*

Agora ela está na mesinha de cabeceira, mexendo nas coisas da minha mãe. Tão bisbilhoteira.

— Não. Esse é outro.

Nunca prestei muita atenção nesse livro. Porque, né, orquídeas raras e tal.

— A-há. O que é isso? — Noora bate o dedo na folha de rosto e começa a ler. — “Minha adorada Hanako”...

Levo um momento para entender. *Adorada? Hanako?* Arranco o livro das mãos dela.

— Ladra — ela murmura, pousando o queixo no meu ombro.

A caligrafia é elegante e inclinada, e o lápis está quase apagado.

*Minha adorada Hanako,*

*Por favor, deixe que as palavras digam o que eu não consigo dizer:*

*Queria estar tão perto  
De você quanto a saia molhada  
De uma garota na chuva.  
Penso sempre em você.  
— Yamabe no Akahito*

*Com amor,  
Makoto “Mak”  
2003*

Noora assobia baixo.

— Parece que Jones não é o único admirador não-tão-secreto da sua mãe.

Sento na cama.

— Minha mãe nunca mencionou nenhum Makoto.

Não sei lidar com essa informação. É estranho pensar na vida dos seus pais antes de você existir. Pode me chamar de narcisista, mas é prerrogativa dos adolescentes acreditar que tudo começa no momento em que nascemos. Tipo: *Izzy chegou. Terra, já pode começar a girar.* Não sei, talvez seja coisa de filha única. Ou talvez minha mãe tenha me amado tanto que me deixou assim.

Ainda estou processando tudo quando Noora diz, com cuidado:

— Mas então. Você nasceu em 2003.

— É. — Engulo em seco, olhando para a página.

Nossos pensamentos apontaram para a mesma improvável embora intuitivamente correta direção. Minha mãe me contou que engravidou de mim no último ano da faculdade. Ela e meu pai eram da mesma turma. Harvard, 2003. Ele tinha vindo do Japão fazer

intercâmbio. Ficaram juntos uma noite só. *Mas não foi um erro*, ela sempre ressaltou. *Nunca foi um erro*.

Fico olhando para o nome. *Makoto. Mak*. Quais são as chances de minha mãe ter tido dois casos com japoneses diferentes no ano em que nasci? Olho para Noora.

— Pode ser o meu pai. — Dizer isso em voz alta é estranho, pesado. Tabu.

Esse assunto sempre foi uma nota de rodapé na minha biografia. *Izzy foi concebida em 2003 por Hanako Tanaka e um japonês desconhecido*. Não é saber minhas origens que me deixa mal. Sou filha do século XXI; jamais sentiria vergonha da liberdade sexual da minha mãe. Respeito as decisões dela, ainda que as palavras “mãe” e “sexo” juntas me façam querer botar fogo em alguma coisa.

O que faz minha alma doer é *não* saber. Caminho pela rua examinando as pessoas, me perguntando: “Você é meu pai? Conhece ele? Sabe algo a meu respeito que eu não sei?”.

Noora me observa.

— Conheço esse olhar. Você está ficando esperançosa.

Abraço o livro. Às vezes é difícil não sentir inveja da minha melhor amiga. Ela tem tanta coisa que eu não tenho — um pai, uma mãe e uma família enorme. Já passei um feriado de Ação de Graças na casa dela. É uma verdadeira pintura de Norman Rockwell, só que com um tio bêbado, burburinho de palavras em fársi, molho de romã e torta de caqui no lugar de torta de maçã. Ela sabe exatamente de onde veio, quem é e tudo sobre a própria identidade.

— Até parece — finalmente digo.

Noora senta e me dá um empurrãozinho.

— Até parece? Ele pode ser seu pai. Pode não ser seu pai. Não precisamos tirar conclusões precipitadas.

*Tarde demais.*

Quando eu era pequena, pensava muito no meu pai. Às vezes, fantasiava que ele era dentista ou astronauta — e, uma vez, ainda que jamais admita em voz alta, até desejei que ele fosse branco. Na verdade, eu queria que tanto meu pai quanto minha mãe fossem brancos. Branco era lindo. Branco era a cor das minhas bonecas e das modelos e das famílias que eu via na TV. Era como se abreviar meu nome, ter a pele mais clara e um olho mais redondo fossem tornar minha vida muito mais fácil e o mundo muito mais acessível.

Olho a página.

— Harvard deve ter um registro de ex-alunos — solto, hesitante.

Nunca me atrevi a procurar meu pai. Sequer falo sobre ele. Até porque minha mãe nunca me encorajou a isso. Na verdade, a relutância dela em falar sobre ele me *desencorajou*. Então permaneci calada, sem querer cutucar essa ferida entre mãe e filha. Continuo não querendo. Mas eu também não deveria ter que fazer tudo sozinha. Não é para isso que servem as melhores amigas? Para dividir o peso?

*Clique. Flash.* Noora tira uma foto da página com o celular.

— Vamos revirar essa história — ela promete.

Nossa, queria poder capturar a confiança e a firmeza dela. Se ao menos eu tivesse metade disso.

— Você está bem? — ela pergunta.

Meus lábios tremem. Sinto uma inquietação no peito. Pode ser uma grande descoberta. Grande mesmo.

— Sim. Só é muita coisa pra processar.

Noora me abraça forte. Encerramos a conversa assim.

— Não se preocupa — ela diz, séria. — Vamos encontrar ele.

— Você acha mesmo? — Meus olhos brilham de esperança.

O sorriso felino volta.

— Rolinhos de canela são meu ponto fraco ou não?

— Baseada em seu histórico de consumo, eu diria que sim.

Ela assente com confiança e agilidade.

— Vamos encontrar ele.

*Viu só? Parceiras de crime.*

## 2

Escola. Meio-dia. Terça-feira. Caminho decidida pelos corredores do Colégio Mount Shasta. Dezoito horas se passaram desde que um livro sobre orquídeas raras e um poema ligeiramente lascivo viraram meu mundo de cabeça para baixo.

Foram uma noite e uma manhã difíceis. Tantas perguntas agitavam minha cabeça: “Será que era mentira que minha mãe mal conhecia meu pai? Se sim, por que ela fez isso? Meu pai sabia sobre mim? Então, por que não me quis? A vida não está nada fácil”. Estou tomando cuidado para conter as expectativas, e ao mesmo tempo evito minha mãe. Ainda bem que sou ótima em subterfúgios. Debaixo da minha cama tem meia garrafa de licor de pêssigo e um punhado de livros românticos (duque falido mais herdeira de classe inferior é igual a amor eterno e verdadeiro). Minha mãe não sabe nada disso. Agir casualmente é o segredo — sou apenas uma garota cuidando da própria vida, nada além disso.

Avisto a entrada da biblioteca. Sigo em frente, passando por um grupo de caubóis e duas garotas chamadas Harmony. As portas duplas batem atrás de mim.

Ah, finalmente silêncio. Quem dera fosse tão fácil assim desligar meus pensamentos. No fundo da sala, Noora está me esperando,

morrendo de ansiedade. Eu também estou por um fio. Na última hora, uma enxurrada de mensagens foi trocada entre a GGA.

Noora  
MDDC. MDDC. MDDC.

Noora  
Notícia quente. Reunião de emergência da GGA na biblioteca na hora do almoço.

Glory  
A gente come lá todos os dias.

Eu  
?

Noora  
Não se atrasem. Vocês não vão querer perder isso.

Glory  
Se for sobre o terceiro mamilo do Denny Masterson de novo...

Noora  
Bem que vc queria!

Hansani  
Que tal uma dica?

Eu  
??

Noora  
Aff. E estragar a minha grande revelação?  
100 ofensa, mas vocês vão ter que esperar.

Puxo para baixo a cordinha do balão cheio de esperanças que infla no meu peito. A notícia quente de Noora provavelmente nem é sobre meu suposto pai. Ela convoca reuniões de emergência por qualquer coisa.

— *Finalmente*. — Noora me agarra e me puxa por entre as estantes.

Saímos no canto nordeste. Hansani, uma garota esbelta do Sri Lanka, e Glory, uma filipina birracial com sobranceiras que eu morreria e/ou mataria para ter, já estão esperando na mesa de sempre. Essas meninas. *Minhas* meninas. Temos a inigualável habilidade de saber exatamente o que a outra está sentindo apenas com um olhar. Nossa conexão nasceu nos primeiros anos do ensino fundamental, quando aprendemos que nosso maior “defeito” era a aparência.

Para mim, foi Emily Billings. Ela me encurralou no ônibus escolar e puxou o canto dos olhos exageradamente para cima. Eu sabia que era diferente, mas só soube que ser diferente era ruim quando alguém me mostrou. Dei risada como as outras crianças, claro. Afinal, o humor é sempre a melhor defesa. Fingi que não doeu. Assim como fingi que não doeu quando um menino perguntou se a minha família comemorava o bombardeio em Pearl Harbor como se fosse Natal. Ou quando os outros estudantes pediam minha ajuda com a lição de matemática. Pior para eles, porque sou péssima com números. Ainda assim, toda vez, algo dentro de mim parece murchar, num misto de vergonha e silêncio.

Enfim, as meninas e eu nos entendemos. Todas nós sabemos como é ter que lidar com diferenças culturais. As pessoas questionam por que Noora não usa hijab. Perguntam se Glory é adotada quando ela está com o pai branco. Hansani tem que aguentar o sotaque forçado de Apu dos *Simpsons* — país errado, para os desinformados. E é claro, tem o clássico: “Não, mas de onde você é *de verdade?*”.

As garotas já estão comendo — pão pita e homus para Hansani, salada de ovos para Glory. Tem uma placa PROIBIDO COMER acima da nossa mesa. Aff, regras estão aí para serem quebradas.

Largo minha mochila e a garrafa de água na mesa e sorrio para as duas. Noora se joga na cadeira ao meu lado e estala os dedos para Glory.

— Notebook.

Glory pisca para Noora e estreita os olhos.

— Diga “por favor” — ela pede, enquanto pega um brilhante chromebook.

Noora a cutuca com um lápis.

— Você sabe que eu te adoro, mesmo que seu nome não combine com você.

Isso é verdade. Embora eu nunca ouse dizer. Glory é o tipo de pessoa que enfia o dedo na boca de alguém que está bocejando só para mostrar quem manda. Noora, por outro lado, não tem medo de apontar isso. A relação delas pode ser definida como de amor e ódio. As duas são tão parecidas e nem sabem.

Glory entrega o notebook.

— Me cutuca de novo com esse lápis que eu te dou um soco na jugular.

Pelo visto hoje está mais para ódio do que amor.

— Dá pra irmos logo com isso? — eu interrompo.

Noora pega o notebook e começa a digitar.

— Sim, dá. — Ela para, entrelaça e estala os dedos. — Que rufem os tambores, por favor!

Hansani obedece, batendo os dedos na mesa.

Glory pega uma lixa e começa a moldar as unhas em formato de garras.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma princesa em Tóquio"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).